



Destaque Rural Nº 205

20 de Fevereiro de 2023

PROGRAMA SUSTENTA: PRODUÇÃO, SEGURANÇA ALIMENTAR E RENDIMENTO FAMILIAR¹

Yara Nova, Nelson Capaina e João Mosca²

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do sector agrário é referido como pré-condição para a redução da pobreza e da insegurança alimentar, e para o desenvolvimento industrial³.

De modo a responder aos problemas do sector agrário e gerar efeitos positivos sobre a produção, segurança alimentar e rendimento familiar, está a ser implementado o programa SUSTENTA, com a finalidade de estimular a economia rural, através da integração das famílias rurais nos mercados e em cadeias de valor, de forma a melhorar o seu rendimento e qualidade de vida.

Com base nas 16 cadeias de valor prioritárias definidas no PEDSA, foram identificadas nove cadeias de valor estratégicas a serem desenvolvidas no programa SUSTENTA. A selecção destas nove cadeias de valor foi com base nos seguintes pressupostos: (1) potencialidade de crescimento e sucesso nas oportunidades de mercado existentes e na competitividade dos mercados internos e de exportação; (2) impactos na redução da pobreza dos produtores (incluindo questões de insegurança alimentar); (3) potencialidades de dinamização do mercado local através do surgimento de pequenas empresas com ligações com os pequenos agricultores; e, (4) potencial comparativo para retornos mais elevados ao investimento realizado⁴.

¹ Este texto é parte da série de Destaque Rural resultante do projecto "Avaliação Intercalar do Programa Sustenta". Estudo patrocinado pela projecto *Rosa Luxemburg Stiftung* com recursos do Ministério Federal de Cooperação Económica e Desenvolvimento da República Federal da Alemanha. Esta publicação ou partes dela podem ser usadas por terceiros gratuitamente, desde que forneçam uma referência adequada à publicação original. O conteúdo da publicação é de responsabilidade exclusiva do parceiro e não reflecte necessariamente a posição da RLS.

² Yara Nova, Mestre em Economia e Políticas Públicas e assistente de investigação. Nelson Capaina, Doutor em Desenvolvimento Rural e pesquisador. João Mosca, Doutor em Economia e Sociologia Rural, pesquisador.

³ Constituição da República de Moçambique.

⁴ The World Bank (2019). *Mozambique Additional Financing to the Agriculture and Natural resources Landscape Management Project (SUSTENTA)*.

Do conjunto das nove cadeias de valor seleccionadas, seis são cadeias agrícolas, nomeadamente: soja, milho, horticultura, gergelim, castanha de caju e feijão. As remanescentes incluem a cadeia de valor de produtos florestais não-madeireiros (mel) e pecuária (especificamente as do sector de avicultura)⁵.

O objectivo do presente Destaque Rural é o de analisar as dinâmicas introduzidas pelo programa SUSTENTA em aspectos ligados a produção agrícola, segurança alimentar e rendimento dos PACE e PA seleccionados na primeira fase do programa.

No texto serão analisadas as mudanças relativamente ao tipo de cultivo e os níveis de produção. No que tange aos aspectos ligados à segurança alimentar, serão analisados alguns indicadores que permitem avaliar a dieta alimentar dos PACE e PA – quantidades dedicadas ao consumo, número de refeições e produtos normalmente comprados. Sobre o rendimento familiar, será abordada a principal fonte de rendimento. Os dados do presente texto resultam do trabalho realizado pelo OMR, com o objectivo de avaliar a primeira fase do SUSTENTA⁶ 2017-2019.

2. ENQUADRAMENTO

A transformação estrutural do sector agrícola é essencial de modo a provocar efeitos positivos sobre os problemas relativos à pobreza e insegurança alimentar. Apesar dessa importância, os documentos oficiais (PEDSA, PQG, entre outros) referem que os níveis de pobreza e de insegurança alimentar permanecem elevados (46,1%⁷ e 24%⁸ dos AFs, respectivamente).

Em Moçambique, a contribuição do sector agrário no PIB é elevada, mas os níveis de produtividade e produção continuam baixos, à excepção do açúcar e algumas de consumo interno (batata-reno, tomate e cebola), que registaram aumentos significativos⁹, devido ao crescimento do modelo da agricultura orientado ao mercado para o abastecimento das

⁵ Idem.

⁶ Segundo o MITADER (2018), na fase piloto do SUSTENTA, foram capacitados 167 PACE e 6.433 PA. Contudo, a mesma fonte refere que foram directamente beneficiados 31 PACE e 1.274 PA no total das duas províncias de Zambézia e Nampula. Com base nestes dados e através da fórmula de cálculo da amostra, foi determinada a amostra do presente estudo.

⁷ IOF 2014/15.

⁸ SETSAN (2014).

⁹ Nova, Yara e Mosca, João (2022). Ciclos políticos coincidentes com o comportamento das agriculturas em Moçambique. OMR. Destaque Rural 156. Maputo

cadeias de valor e internacionalizadas e pelo reforço na integração de pequenos e médios produtores comerciais¹⁰.

O crescimento populacional tem sido superior aos incrementos da produção nacional de alimentos, o que tem resultado numa maior dependência de alimentos importados, principalmente de cereais, óleo vegetal e açúcar. Como consequência do crescimento da população acima do incremento da produção alimentar e da geração do rendimento, e do aumento das desigualdades, o número de pobres tem aumentado, a desnutrição e insegurança alimentar permanecem elevadas e o défice da balança comercial alimentar tem-se agravado¹¹.

No entanto, entre 2010 e 2019, o governo implementou vários programas/planos para estimular o crescimento e desenvolvimento no sector agrário, dentre os quais: o CAADP (*Comprehensive Africa Agriculture Development Program*), o PNISA (Plano Nacional de Investimento do Sector Agrário) e o PEDSA (Plano Estratégico de Desenvolvimento Agrário).

Segundo o Governo, o programa SUSTENTA responde aos problemas deste sector por via da melhoria do rendimento das famílias rurais, através da integração nas cadeias de valor agrícolas e florestais, tendo como foco os sistemas de produção orientados para o mercado para melhorar a segurança alimentar. Esse objectivo está alinhado com o plano geral do sector – Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Sector Agrário (PEDSA) e Plano Nacional de Investimento Agrícola (PNISA), onde o aumento do rendimento rural, segurança alimentar e nutricional são referidos como os principais objectivos.

Na fase piloto do programa SUSTENTA (2017-2019), o governo propôs desenvolver um conjunto de cadeias de valor, dentre as quais as culturas alimentares básicas, como o milho e os feijões, e um conjunto de culturas de exportação, como a soja, gergelim, castanha de caju, oleaginosas, horticultura e produtos florestais não-madeireiros (mel)¹². Com o SUSTENTA nacional (2020), foram acrescidas as culturas do arroz e girassol¹³.

¹⁰ Swinnen, Johan F. M. 2007. *Global Supply Chains, Standards and the Poor: How the Globalization of Food Systems and Standards Affects Rural Development and Poverty*. CABI

¹¹ Achterbosch, T.J.; Berkum, S. V.; & Meijerink, G.W. (2014). *Cash crops and food security; Contributions to income, livelihood risk and agricultural innovation*. Wageningen, LEI Wageningen UR (University & Research centre), LEI Report 2014-015, 57 pp.; 20 fig.

Dadá, Y. A., & Mosca, J. (2022). *Demografia e implicações para a economia e o meio rural*. Destaque Rural Nº 190. Observatório do Meio Rural, Maputo

¹² Direcção Provincial da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural (s/d). *SUSTENTA – Projecto de gestão integrada de agricultura e recursos naturais*. Unidade de implementação de projectos.

¹³ Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural (2022). # SUSTENTA 2025.

Está estudado o efeito das culturas de exportação no aumento do rendimento dos agricultores e que, desta forma, se podem gerar melhorias na segurança alimentar¹⁴. Entretanto, estas podem ter também um efeito de substituição da produção alimentar doméstica, provocando, assim, o aumento dos preços dos bens alimentares¹⁵ ao nível local ou mesmo a substituição da produção de alimentos pelo efeito da substituição do tipo de cultivo. O aumento dos preços de alimentos referido, deve ser balanceado com o incremento do rendimento monetário resultante da venda de bens de exportação ou outros, considerando que grande parte da população, incluindo no meio rural, é consumidora líquida de alimentos, isto é, não é 100% autossuficiente.

O estudo do Diao *et al.* (2012) constata que as culturas de exportação e as de alimentos básicos, contribuem de formas diferentes no crescimento económico. As culturas de exportação, normalmente, possuem um maior valor económico que as culturas alimentares, mas estas últimas são mais eficazes em gerar crescimento económico e reduzir a pobreza e a insegurança alimentar¹⁶.

Note-se que, em Moçambique, muitos pequenos e médios produtores produzem em condições desfavoráveis, como, por exemplo: (1) fraco acesso à informação sobre os preços dos mercados; (2) dificuldades de produção com qualidade homogénea e de forma estável ao longo do ano, condições importantes para venda nas cadeias de grande distribuição; (3) dificuldade de perspectivas/previsões sobre o mercado e acesso aos mesmos; (4) constrangimentos ligados à rede de infra-estruturas (estradas, armazenamento, processamento, etc.).

Além disso, os pequenos e médios produtores têm lógicas e níveis diferentes de aversão ao risco, reagindo de forma diferente às oportunidades de produção de culturas de exportação e, conseqüentemente, à possibilidade de obterem diferentes efeitos de bem-estar.

Para muitos autores, os factores essenciais para um pequeno produtor produzir culturas de exportação/rendimento são: (1) nível de aversão ao risco; (2) nível de literacia; (3) estimativa/previsão de lucros; (4) localização dos potenciais mercados; (5) capacidade de investimento; (6) posse de activos (terra, equipamentos, etc.) para satisfazer requisitos de

¹⁴ A acessibilidade dos alimentos é definida pela capacidade económica de aquisição de alimentos (Joala *et al.*, 2020).

¹⁵ Achterbosch, T.J.; Berkum, S. V.; & Meijerink, G.W. (2014). Cash crops and food security; Contributions to income, livelihood risk and agricultural innovation. Wageningen, LEI Wageningen UR (University & Research Center), LEI Report 2014-015, 57 pp.; 20 fig.; 3 tab.; 60

¹⁶ Diao, Xhinsen, James Thurlow, Samuel Benin, and Shenggen Fan, ed. 2012. Strategies and Priorities for African Agriculture: Economywide Perspectives from Country Studies. Washington, DC: International Food Policy Research Institute. <http://www.ifpri.org/publication/strategies-andpriorities-african-agriculture>.

qualidade e consistência; (7) acesso ao crédito e serviços de extensão; (8) factores institucionais; e, (9) políticas públicas, comerciais e de preços¹⁷.

Os agricultores têm implementado várias estratégias de melhoria do bem-estar que incluem a diversificação de actividades a fim de aumentar os rendimentos, reduzir os riscos, e manter a segurança alimentar. Estudos revelam que a diversificação está associada a níveis de rendimento mais elevados, a um maior bem-estar das famílias e a uma maior capacidade de fazer face aos riscos¹⁸.

Contudo, na realidade moçambicana, a pobreza é elevada nas zonas rurais (50,1% - dados do IOF 2014/15), onde se localiza a maioria dos pequenos agricultores que dependem da agricultura para a sobrevivência. No programa SUSTENTA, grande parte dos PA produzem em áreas médias de 4,7 hectares e combinam a actividade agrícola com outras não-agrícolas como, por exemplo: carpintaria, fabrico de bebidas tradicionais, garimpo, pedreiros, guardas, entre outras. Os PACE têm outras características: produzem em áreas médias de 38,8 hectares e combinam com outras actividades, como, por exemplo: transporte de cargas, pecuária, pequenas moageiras, venda de insumos agrícolas, entre outras¹⁹.

¹⁷ Moisé, Evdokia, and Florian Le Bris. 2013. 'Trade Costs - What Have We Learned?. A Synthesis Report'. OECD Trade Policy Paper 150. OECD

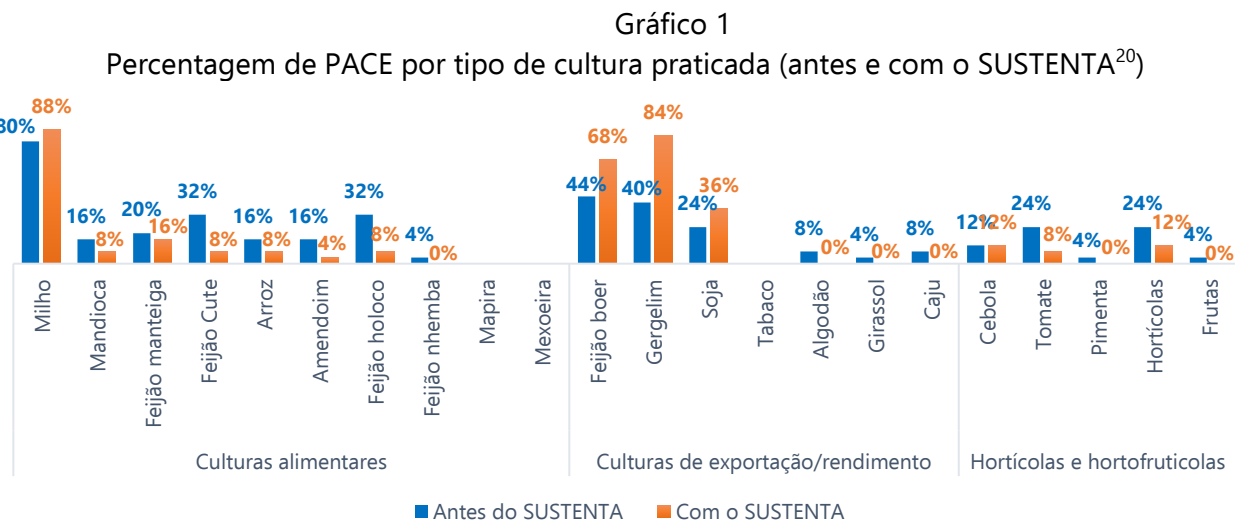
Schneider, Kate, and Mary Kay Gugerty. 2010. 'The Impact of Export-Driven Cash Crops On Smallholder Households'. EPAR Brief No. 94. Evans School Policy Analysis and Research (EPAR).

¹⁸ Neudert, R.; Allahverdiyeva, N.; Didebulidze, A.; & Beckmann, V. (2020). Diversification of Livestock-Keeping Smallholders in Mountainous Rural Regions of Azerbaijan and Georgia. *Land* 2020, 9, 267; doi:10.3390/land9080267

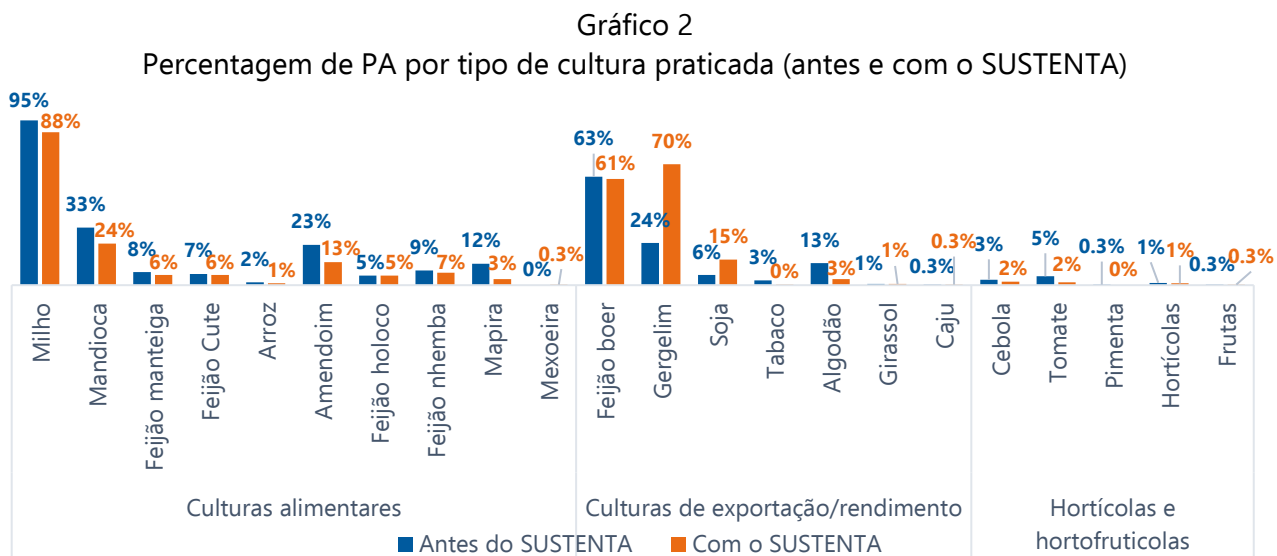
¹⁹ Nova, Y.; Capaina, N. & Mosca, J. (2023). Programa SUSTENTA: Instituições. Observatório do Meio Rural. Destaque Rural. No prelo.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

a) Produção agrícola



Nota: Nestas regiões de implementação do SUSTENTA, a produção do arroz é bastante reduzida. Nenhum dos PACE produziu (antes e depois do SUSTENTA) mapira, mexoeira e tabaco.
Fonte: Dados do inquérito.



Nota: Nestas regiões de implementação do SUSTENTA, a produção do arroz é bastante reduzida.
Fonte: Dados do inquérito.

²⁰ O período "antes do SUSTENTA" considerado na pesquisa refere-se as até três anos anteriores ao ano de 2016.

Em geral, pode-se observar que as culturas produzidas pelos PACE e PA variaram com a implementação do programa SUSTENTA.

Nos gráficos acima pode-se observar:

- Não existiu, de forma importante, alterações na composição das culturas praticadas, tanto pelos PACE, como pelos PA.
- As culturas produzidas pelos PACE e PA não são significativamente diferentes.
- À excepção do milho, houve uma redução da percentagem de PACE que praticam as culturas alimentares e um aumento significativo de PACE que se dedicam à produção de culturas de rendimento, principalmente, as culturas fomentadas pelo programa SUSTENTA (feijão bóer, gergelim e soja). Nas hortícolas e hortofrutícolas, a percentagem de PACE a produzir cebola manteve-se, mas, nas restantes, verifica-se uma redução significativa.
- Relativamente aos PA, à excepção das culturas de feijões (cute e holoco), a tendência nas prioridades de produção foram as mesmas que as dos PACE. Contudo, destaca-se a redução da percentagem de produtores que se dedicavam à produção da mandioca e do amendoim e o aumento da percentagem de produtores que produzem o gergelim e soja.
- Com base na informação acima analisada, pode-se inferir que as opções de produção dos produtores de determinadas culturas, sejam estas de rendimento ou alimentares, estão directamente relacionadas com os ganhos de rentabilidade e do mercado. Os produtores reagem aos preços do mercado, por exemplo, o caso do gergelim (onde a percentagem de PACE que se dedicam a esta cultura aumentou de 40% para 84% e de PA de 24% para 70%), em resposta ao preço relativo com outras culturas ser mais alto (em média 55 MZM/Kg).
- Para o caso da soja, as condições agroecológicas influenciaram a tomada de decisão de produção desta cultura. A região da Alta-Zambézia foi onde se verificou maior intensificação da produção da cultura. Desta forma, a percentagem de PA que produz a soja mais que duplicou com a implementação do SUSTENTA, passando de 6% para 15%.

b) Quantidades produzidas

Gráfico 3

Quantidades médias produzidas por campanha agrícola pelos PACE inquiridos, antes e com o SUSTENTA (em toneladas)

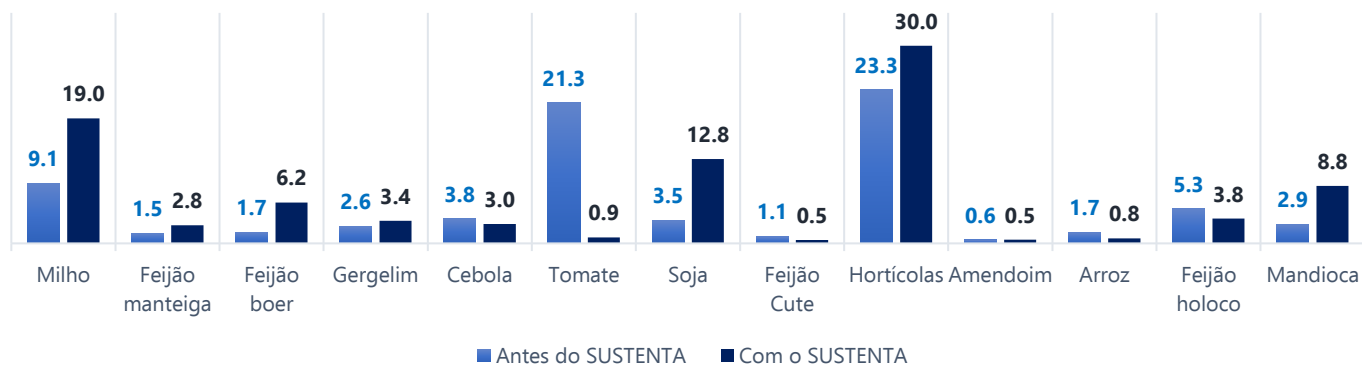
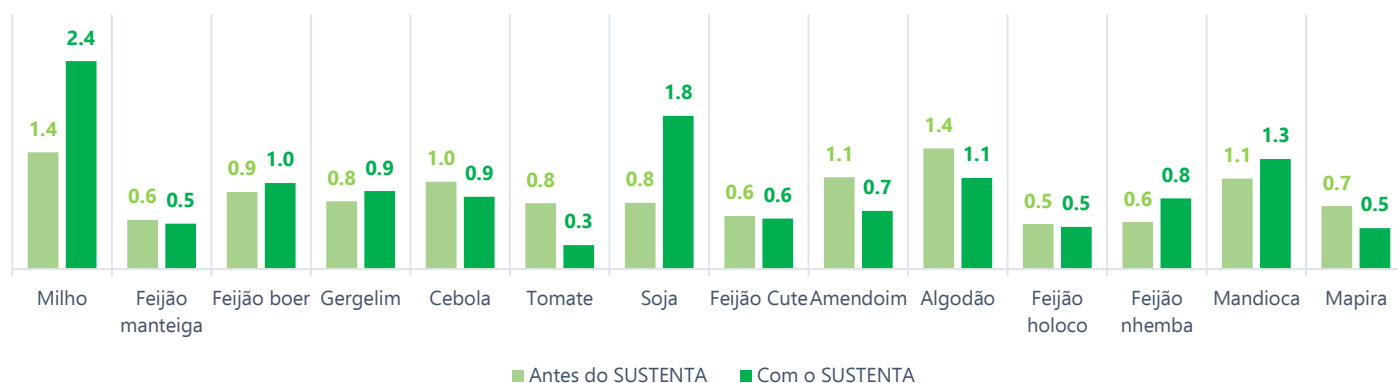


Gráfico 4

Quantidades médias produzidas por campanha agrícola pelos PA inquiridos, antes e com o SUSTENTA (em toneladas)



Nota: Visto que os dados resultam de uma selecção de um grupo de produtores específico nas regiões de maior produção e envolvidos num programa de fomento agrário, o SUSTENTA, podem existir diferenças em relação à produção média dos envolvidos no SUSTENTA e a média ao nível da província.

Nos dados foram retirados os *outliers*.

Fonte: Dados dos inquéritos.

Quadro 1
 Variação da produção por campanha agrícola dos PACE e PA inquiridos
 (comparação antes e com o SUSTENTA)

	PACE	PA
Milho	↑	↑
F. manteiga	↑	↓
F. Bóer	↑	↑
Gergelim	↑	↑
Cebola	↓	↓
Tomate	↓	↓
Soja	↑	↑
F. cute	↓	↔
Amendoim	↓	↓
Algodão	↓	↓
F. holoco	↓	↔
F. nhemba	---	↑
Hortícolas	↑	---
Mandioca	↑	↑
Mapira	---	↓

Legenda:	↑ Aumento	↓ Redução	↔ sem mudança	(---) sem informação
----------	-----------	-----------	---------------	----------------------

Fonte: Dados do inquérito.

Da informação relativa às quantidades produzidas, verificou-se, em geral, um aumento das quantidades médias produzidas por campanha pelos PACE e PA com a implementação do SUSTENTA, principalmente nas culturas inicialmente promovidas. Contudo, tanto entre os PACE e os PA, o aumento da quantidade média foi maioritariamente nas culturas de rendimento, nomeadamente: feijão bóer, gergelim e soja.

Destacam-se o aumento das quantidades médias por campanha e por inquirido, na cultura do milho (no caso dos PACE, de 9,1Ton para 19 Ton, e dos PA, de 1,4 Ton para 2,4 Ton antes e com o SUSTENTA).

Entre os PACE, à excepção do feijão manteiga e da mandioca, verificou-se uma redução das quantidades médias produzidas nas restantes culturas alimentares (cebola, tomate, feijão cute, amendoim e feijão holoco).

Entre os PA, à excepção dos feijões cute e holoco e da mandioca, observa-se uma redução das quantidades médias produzidas por campanha das culturas alimentares (feijão manteiga, cebola, tomate, amendoim e mapira) com a implementação do SUSTENTA.

c) Segurança alimentar

Quadro 1
Quantidades da produção dedicadas ao consumo familiar do PACE
(em percentagem de inquiridos)

	Culturas	Menos de metade	Metade	Mais de metade	Toda produção	Nenhuma parte
Culturas alimentares	Milho	65.0	30.0	-	-	5.0
	Mandioca	-	100	-	-	-
	Feijão manteiga	50.0	33.3	-	-	16.7
	Feijão Cute	50.0	-	-	-	50.0
	Arroz	50.0	50.0	-	-	-
	Amendoim	-	-	-	-	-
	Feijão holoco	-	66.7	-	-	33.3
	Feijão nhemba	-	-	-	-	-
	Mapira	-	-	-	-	-
Mexoeira	-	-	-	-	-	
Culturas de exportação/rendimento	Feijão bóer	56.3	12.5	-	-	31.3
	Gergelim	5.6	5.6	-	-	88.9
	Soja	25.0	-	-	-	75.0
	Girassol	-	-	-	-	-
	Caju	-	-	-	-	-
Hortícolas e hortofrutícolas	Cebola	100.0	-	-	-	-
	Tomate	100.0	-	-	-	-
	Pimenta	-	-	-	-	-
	Hortícolas	100.0	-	-	-	-
	Frutas	-	-	-	-	-

Nota: as categorias constantes nas colunas, correspondem às perguntas efectuadas no inquérito e entrevistas. Os números a vermelho correspondem às percentagens mais altas.

Fonte: Dados do inquérito.

Quadro 2

Quantidades dedicadas ao consumo familiar do PA (em percentagem de respondentes)

	Culturas	Menos de metade	Metade	Mais de metade	Toda produção	Nenhuma parte
Culturas alimentares	Milho	39.8	39.4	15.4	5.0	0.4
	Mandioca	38.2	22.1	19.1	16.2	4.4
	Feijão manteiga	82.4	17.6	-	-	-
	Feijão Cute	58.8	23.5	11.8	5.9	-
	Arroz	0.0	33.3	33.3	33.3	-
	Amendoim	65.9	22.0	9.8	2.4	-
	Feijão holoco	80.0	-	-	6.7	13.3
	Feijão nhemba	23.8	42.9	19.0	4.8	9.5
	Mapira	10.0	20.0	-	70.0	-
	Mexoeira	-	-	100.0	-	-
Culturas de exportação/rendimento	Feijão bóer	60.9	27.4	7.3	1.1	3.4
	Gergelim	35.3	2.9	1.5	2.0	58.3
	Soja	9.3	0.0	0.0	2.3	88.4
	Girassol	-	-	-	50.0	50.0
	Caju	100.0	-	-	-	-
Hortícolas e hortofrutícolas	Cebola	66.7	-	-	16.7	16.7
	Tomate	40.0	20.0	20.0	-	20.0
	Pimenta	-	-	-	-	-
	Hortícolas	33.3	33.3	-	33.3	-
	Frutas	-	-	-	-	-

Nota: as categorias das constantes nas colunas, correspondem às perguntas efectuadas no inquérito e entrevistas. Os números a vermelho correspondem às percentagens mais altas.

Fonte: Dados do inquérito.

Conforme se pode observar no quadro 1 e 2, a lógica de produção-consumo dos produtores (tanto os PACE, assim como os PA), assenta na priorização de maiores quantidades (menos de metade da produção) nas culturas alimentares, para o consumo familiar. As culturas de rendimento (à excepção do feijão bóer) são pouco utilizadas para o autoconsumo.

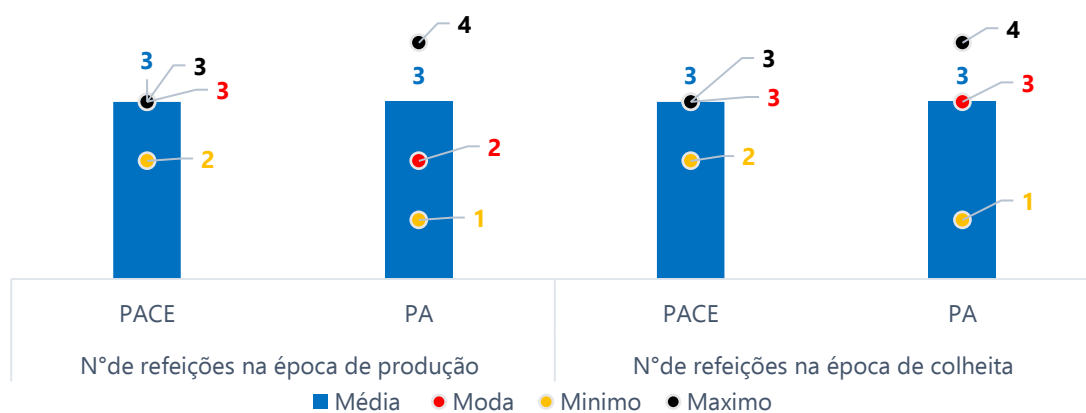
Tanto os PACE como os PA não dedicam toda a produção (seja de culturas alimentares e de rendimento) para o consumo do agregado familiar. Assim, evidencia-se que a lógica existente entre os produtores assenta na satisfação das necessidades alimentares em primeiro lugar e, no caso de existência de excedentes, no destino para a comercialização. No caso das culturas de rendimento, são priorizadas as culturas que permitem obter maiores rendimentos monetários. Isto significa que as lógicas produtivas, tanto dos PACE como dos PA, são semelhantes e priorizam o objectivo alimentar.

No caso dos PACE, em específico, relativamente às culturas alimentares, observa-se que, embora reservem maiores quantidades para o consumo, nenhum afirmou que produz e

reserva toda a produção para o consumo. Diferentemente dos PA, em culturas alimentares como a mapira, arroz e mandioca, uma percentagem significativa afirmou dedicar a produção destas culturas especificamente para o consumo do agregado familiar.

Gráfico 5

Número de refeições diárias realizadas pelos PACE e PA na época de produção e colheita



Nota: época de produção é a correspondente ao período em que os cultivos estão no terreno, isto é, entre a sementeira e a colheita; época de colheita é a que coincide com o período de pós-colheita até às sementeiras da campanha seguinte.

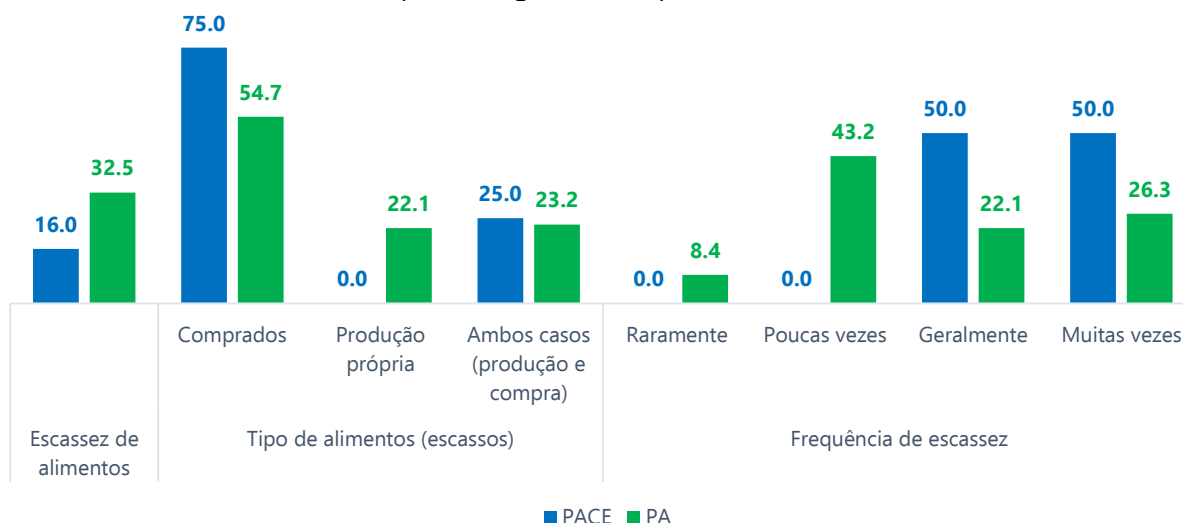
Fonte: Dados do inquérito.

No gráfico 5 observa-se que, entre os PACE, não existem variações no número de refeições diárias entre as duas épocas, tendo como média três refeições ao dia.

No caso dos PA, embora a média seja de três refeições por dia, verifica-se que tanto em épocas de produção bem como em épocas de colheita, as famílias têm obtido no mínimo apenas uma refeição por dia.

Entretanto, o número de refeições é influenciado pelo tempo de trabalho em que os produtores dispõem nas suas áreas de produção, disponibilidade e acesso aos alimentos.

Gráfico 6
Escassez de alimentos por tipo e a sua frequência PACE e PA – na última semana²¹
(em percentagem de respondentes)



Fonte: Dados do inquérito.

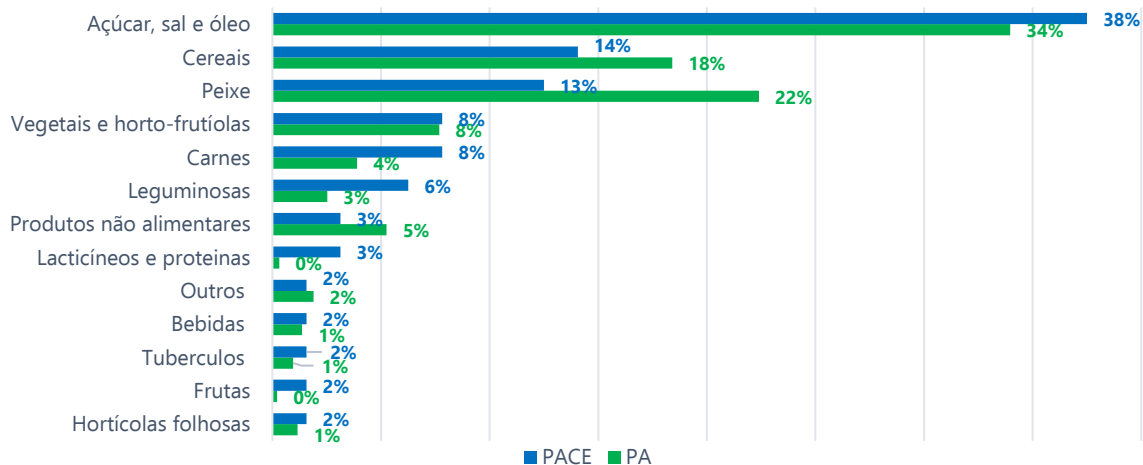
Relativamente à dificuldade na obtenção de bens alimentares, 16% dos PACE e 35,5% dos PA afirmou ter tido escassez de alimentos no agregado familiar na última semana.

A maioria dos produtores (PACE e PA) que afirmaram ter escassez de alimentos referiu esta foi principalmente em produtos comprados, nomeadamente os processados e/ou manufaturados.

Este mesmo grupo (16% dos PACE e 35,5% dos PA), quando questionado sobre a frequência de escassez de alimentos, entre os PACE, 50% afirmou acontecer 'geralmente' e a outra metade referiu 'muitas vezes'. Em relação aos PA, 43% afirmou ter tido escassez de alimentos 'poucas vezes'. Constatou-se que a escassez de alimentos está relacionada com o número de refeições diárias obtidas pelos produtores, tendo se verificado que o número de refeições mínimas, tanto nos PACE como nos, PA é de 1-2 refeições ao dia, afectando a qualidade da dieta alimentar.

²¹ Na última semana anterior ao dia da prescrição do inquérito.

Gráfico 7
 Produtos comprados pelos PACE e PA na última semana antes do inquérito
 (em percentagem de respostas)

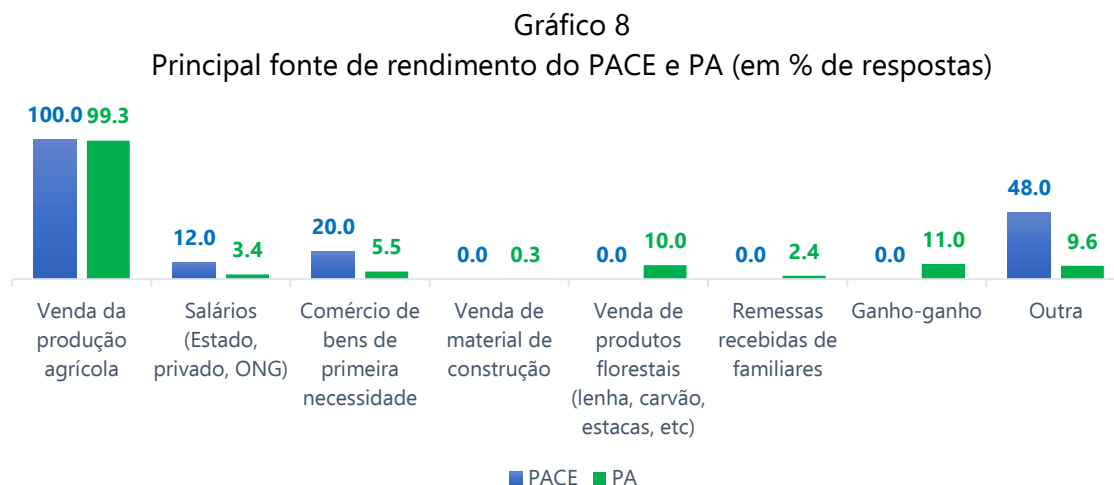


Nota: 'Outros' refere-se a: temperos de cozinha, bolachas, massa tomate e bens industrializados. As bebidas incluem as alcoólicas e não-alcoólicas.

Fonte: Dados do inquérito.

No conjunto de alimentos comprados na última semana antes da realização do inquérito pelos PACE e PA, verifica-se a importância dos produtos como açúcar, sal e óleo, cereais e vegetais na dieta alimentar destes produtores. Contudo, são notórias as diferenças no tipo de produto comprado entre os PACE e PA. Por exemplo, os PACE, na última semana, compram maioritariamente: açúcar, sal e óleo, carnes, lacticínios e proteínas, frutas, tubérculos e hortícolas folhosas. Em relação aos PA, os bens maioritariamente comprados foram: cereais, peixe, produtos não-alimentares e outros. O que revela uma diversidade alimentar limitada (especificamente nos bens comprados), sobretudo no tipo de bens alimentares.

d) Rendimento familiar



Nota: 'Outra' fontes dos rendimentos dos PACE refere-se a: serviços de transporte, reformas, criação de animais, pequenas moageiras, mecânicos e actividades em sectores privados (tesouraria). Em relação aos PA, 'Outra' refere-se a: carpintaria, costura, criação de animais, fabrico de bebidas (destilação), guardas, médicos tradicionais, pedreiros, mecânicos, taxistas e garimpeiros.

Fonte: Dados do inquérito.

Constata-se, no gráfico 8, que os PACE, para além de actividades, directa ou indirectamente, ligadas à agricultura (venda da produção agrícola e de produtos de primeira necessidade), têm, como principais fontes de rendimento, outras actividades (48%), sendo estas maioritariamente de natureza privada. Constata-se, ainda, que 12% dos PACE recebem salários provenientes do Estado, sector privado e ONGs.

Em relação aos PA, tal como os PACE, a venda da produção agrícola (99,5%) é principal fonte de rendimento. Contudo, estes conjugam a sua actividade principal com outras, possibilitam-lhes gerar rendimentos rápidos para a satisfação das necessidades diárias, como, por exemplo: 'ganho-ganho' (11%) e venda de produtos florestais (10%).

4. CONCLUSÃO

Em geral, verificou-se:

- Em relação aos aspectos da produção, com a implementação do programa SUSTENTA, observou-se mudanças nas práticas agrícolas. Por um lado, nota-se uma redução importante da percentagem dos produtores que produzem culturas alimentares (à excepção do milho no caso dos PACE) e por outro lado, um aumento significativo da percentagem de produtores que produzem culturas de rendimento.

Sobre as quantidades médias produzidas por campanha agrícola, nota-se um aumento significativo em grande parte das culturas analisadas, com destaque para o milho. Contudo, verifica-se uma redução das quantidades médias por campanha das culturas alimentares, nomeadamente: hortícolas, feijões (excepto o feijão bóer) e amendoim.

- Sobre aspectos ligados a segurança alimentar, constata-se que existe uma lógica na gestão da produção e quantidades dedicadas ao consumo familiar entre os produtores. Os PACE, dedicam menores quantidades da sua produção (tanto em culturas alimentares como as de rendimento) para o consumo do seu agregado, na perspectiva de estas serem maioritariamente destinadas a comercialização e por esta via gerar rendimento para suprir as necessidades básicas. No caso dos PA, observa-se que existe uma maior dependência da sua produção para o consumo do agregado familiar, onde maiores quantidades são para o consumo. Este aspecto, relaciona-se com o número de refeições obtidas ao dia entre os produtores (PACE e PA) e entre as épocas de produção e colheita, onde verificou-se que entre os PACE não existe muita diferença na disponibilidade de alimentos nas duas épocas, o que, entretanto, entre os PA o mesmo não acontece, onde verificou-se que obtém no mínimo uma refeição ao dia.
- Constata-se ainda, indícios de mudança na dieta alimentar dos produtores (PACE e PA) onde culturas como a soja e o gergelim, tem sido reservada para o consumo alimentar.
- Apesar dos ganhos nos níveis de produção, tanto os PACE bem como os PA ainda possuem dificuldades/escassez de alimentos, sendo um fenómeno que acontece com alguma frequência. Contudo, é notório pelo tipo de produtos comprados, que a dieta alimentar dos PACE é mais diversificada em relação aos PA.
- Em relação aos rendimentos familiares, constata-se que os dois tipos de produtores têm a agricultura como principal fonte de rendimento, contudo, existem diferenças significativas. As outras actividades dos PACE que são conjugadas com a agricultura possuem maiores capacidades de aumentos dos rendimentos em relação aos dos PA, sendo este um aspecto fundamental na dinamização da economia familiar e efeitos na pobreza.

Em geral, as mudanças geradas principalmente na componente de produção, podem gerar questionamentos como, até que ponto os ganhos de rendimento provenientes de culturas de rendimento seriam suficientes para satisfazer as necessidades alimentares dos agregados familiares, revelando assim, a necessidade de futuras investigações para determinar as combinações óptimas entre a produção de culturas alimentares e de rendimento necessárias para reforçar a segurança alimentar das famílias.

Os conteúdos são da exclusiva responsabilidade dos autores, não vinculando, para qualquer efeito, o Observatório do Meio Rural nem os seus parceiros ou patrocinadores

E-mail: office@omrmz.org
Endereço: Rua Faustino Vanombe, nº 81, 1º Andar.
Maputo – Moçambique
www.omrmz.org